

## **PARA ALÉM DOS LIMITES DA SALA DE AULA: NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DO USO DO WHATSAPP NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA**

Jailine Mayara Sousa de Farias; Barbara Cabral Ferreira

*Universidade Federal da Paraíba*

jailine.farias@gmail.com; barbara.cabral.ferreira@gmail.com

**Resumo:** Com o avanço das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) e seu impacto no modo como interagimos, verificamos a emergência de novos gêneros textuais, resultantes de novas demandas comunicativas que o universo digital tem criado (MARCUSCHI, 2002), potencializadas pelos multimodos de produção de sentido articulados no ciberespaço (LEVY, 1999). Neste contexto, em que tempo e espaço são ressignificados, assim como as concepções de produção e expressão oral e escrita, cuja natureza é cada vez mais fluida e multisemiótica, o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras passa a compreender a sala de aula para além de seus limites físicos. Os limites físicos da sala passam a ser ampliados pelas multi possibilidades do contexto em que vivemos, na busca por integrar as novas demandas e práticas de letramento do mundo atual, digital, multimodal e globalizado (VAN LEEUWEN, 2011), fundamentais ao processo de comunicação. Desse modo, partindo da experiência de duas professoras quanto à utilização de tecnologias móveis, aqui, em específico, do aplicativo WhatsApp, em salas de aula de Língua Inglesa do curso de Letras/Inglês da UFPB, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as potencialidades de uma das atividades propostas - *My Room Project* - integrando a sala de aula presencial e o espaço virtual. Para tanto, é importante considerar estudos que abordam o ensino de LE a partir de uma perspectiva híbrida - *blended learning* (WHITTAKER E TOMLINSON, 2011), bem como sobre o impacto das TICs e das tecnologias móveis no ensino-aprendizagem de LE (ALMARWANI, 2011; TALEB, SOHRABI, 2012; LAURICELLA, KAY, 2013; PILAR, JORGE, CRISTINA, 2013; HUANG, YANG, CHIANG, SU, 2016). A partir da análise da atividade selecionada, buscaremos verificar como a leitura e troca de textos, aqui, não só verbais e escritos, mas tomando como base uma perspectiva multimodal, foi possível promover novas oportunidades para que os alunos experienciem, de forma autêntica e crítica, a língua estrangeira, proporcionando, portanto, um ensino-aprendizagem significativo. Ademais, refletiremos sobre os desafios colocados pelo atual contexto de ensino-aprendizagem de línguas ao professor(a) de Língua Estrangeira (LE) que demandam uma reflexão, (re)construção e (res)significação constante de sua prática. Consideramos que o uso do WhatsApp para realização de atividades como a analisada neste trabalho, na medida em que propicia a criação de uma comunidade de aprendizagem que não se restringe à sala de aula física, também possibilita aos alunos novas práticas de leitura e escrita, bem como desenvolvimento de suas competências linguística e intercultural.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem de LE, Gêneros digitais, WhatsApp, Língua Inglesa.

### **Introdução**

Diante da emergência de novos gêneros textuais, resultantes de novas demandas comunicativas que o universo digital tem criado (MARCUSCHI, 2002), potencializadas pelos multimodos de produção de sentido articulados no ciberespaço (LEVY, 1999), temos vivenciado diversas mudanças na forma como nos comunicamos. Além dessas mudanças e como consequência delas, a maneira como ensinamos e aprendemos também tem sido modificada.

Ao considerarmos o contexto de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, observa-se que o avanço nas tecnologias de informação e comunicação impactou não apenas no maior acesso às línguas e culturas da língua alvo, mas também na interação entre pessoas, conectadas de forma rápida e fluida no mundo líquido (BAUMAN, 2013) e globalizado em que vivemos. Esse impacto também resultou em uma reconfiguração das salas de aula, adaptadas à realidade do universo digital em que os alunos estão cada vez mais imersos.

Dessa forma, neste trabalho, relatamos um pouco da experiência de duas professoras quanto à utilização de tecnologias móveis, aqui, em específico, do aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*, em salas de aula de Língua Inglesa do curso de Letras/Inglês da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O presente trabalho tem como objetivos relatar e refletir, especificamente, sobre uma das atividades propostas - *My Room Project* - integrando a sala de aula presencial e o espaço virtual.

Busca-se, neste sentido, verificar como, a partir da leitura e troca de textos, considerando a emergência de gêneros digitais (MARCUSCHI, 2002), foi possível promover novas oportunidades para que os alunos experienciem, de forma autêntica e crítica, a língua estrangeira, proporcionando, portanto, um ensino-aprendizagem significativo. Salienta-se que, para tanto, foram considerados os gêneros digitais emergentes não só verbais e escritos, mas tomando como base uma perspectiva multimodal (DIONÍSIO, 2011; VAN LEEUWEN, 2011), a partir da qual o sentido é construído a partir de múltiplas semioses.

Reflete-se, ainda, tomando como base estudos que abordam o ensino-aprendizagem numa perspectiva híbrida (WHITTAKER E TOMLINSON, 2011), bem como o impacto das TICs e das tecnologias móveis no ensino-aprendizagem de LE (TALEB, SOHRABI, 2012; LAURICELLA, KAY, 2013; PILAR, JORGE, CRISTINA, 2013; HUANG, YANG, CHIANG, SU, 2016), sobre os desafios colocados pelo atual contexto de ensino-aprendizagem de línguas ao professor(a) de Língua Estrangeira (LE). Contextos esses que demandam uma reflexão, (re)construção e (res)significação constante de sua prática.

## **1. Sobre novas formas de ensinar, aprender e dizer na era digital**

Atualmente, no denominado contexto “pós-computador” - PPDs *post-PC devices* (MURPHY, 2011), observamos que o contato com conteúdos multimídia e interação entre os indivíduos está cada vez menos dependente do acesso ao computador. Tal fato se deve, principalmente, à ampla

utilização da tecnologia móvel (*smartphones, tablets, etc.*), especialmente pelos nativos digitais (PRENSKY, 2001, 2010) da denominada Geração Millennium. Esses nativos digitais, normalmente, fazem uso significativo da tecnologia móvel, por um lado, para comunicação por voz, texto, fotos, vídeos, etc., na maioria das vezes para fins pessoais, e, por outro, para acesso à informação, em qualquer lugar e a qualquer hora.

No que concerne ao contexto de ensino-aprendizagem, observamos que o avanço tecnológico e a utilização de ferramentas da *internet* trouxeram impactos significativos ao universo da sala de aula, bem como a forma como ensinamos e aprendemos, criando, nesse sentido, novos espaços para interação e construção do conhecimento.

O surgimento de ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), e abordagens e/ou novas modalidades de ensino como o *CALL - Computer Assisted Language Learning*, o ensino a distância (*online*), *blended-learning* ou ensino híbrido, são exemplos de como as TICs têm influenciado a educação e ressignificado os papéis dos agentes envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Mais recentemente, o acesso e compartilhamento de conteúdos multimídia através, principalmente, de aparelhos *smartphones*, ou seja, da tecnologia móvel, aliados à familiaridade dos usuários com essa tecnologia, tem possibilitado a integração do processo de aprendizagem e atividades do mundo real (TALEB, SOHRABI, 2012). Criou-se, então, outra modalidade de ensino-aprendizagem: *o mobile learning, MALL (mobile assisted language learning), m-learning*, ou aprendizagem móvel, como uma subcategoria da aprendizagem mediada pela *internet - e-learning*.

Vemos, portanto, que o efeito de novas tecnologias nas práticas educacionais é bastante expressivo, incluindo especificamente o ensino de línguas estrangeiras, como podemos observar nos trabalhos de Sad (2008), Taleb & Sohrabi (2012), Lauricella & Kay (2013), Pilar, Jorge & Cristina (2013) e Huang, Yang, Chiang, Su (2016).

No entanto, por outro lado, não podemos deixar de lado o impacto de tais avanços na própria linguagem, bem como o papel da linguagem nessas tecnologias, que tanto transformam formas de comunicação histórica e culturalmente convencionadas, como (re)criam outras práticas de linguagem para dar conta das novas demandas do mundo atual.

Nesse sentido, conforme afirma Marcuschi (2002), nesse processo de emergência de novos gêneros textuais, alguns aspectos merecem atenção, quais sejam: (1) o desenvolvimento e a recorrência cada vez mais generalizados de tais práticas; (2) suas características formais e funcionais, não obstante terem eles contrapartes em gêneros prévios; (3) a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais e se repensar nossa relação com a oralidade e a escrita.

Os gêneros digitais não apenas reconfiguram a relação entre oralidade e a escrita, mas tornam possível a construção de sentidos a partir do diálogo entre diferentes semioses, sendo, portanto, essencialmente multimodais.

Inicialmente utilizado pela área da Psicologia para denotar o efeito de diferentes percepções sensoriais, o termo multimodalidade foi mais recentemente incorporado e ampliado pelo campo da linguística. Na Linguística, a multimodalidade abrange o uso integrado de diferentes recursos comunicativos, como a linguagem, imagem, som, gesto, integrados em textos, o que levou à compreensão de que o processo comunicativo é multimodal (VAN LEEUWEN, 2011).

Quando pensamos nas implicações educacionais trazidas por essa perspectiva, fundamentadas principalmente nos trabalhos do *New London Group* (2000 [1996]), a multimodalidade é compreendida, em síntese, como um elemento chave para melhor compreensão do processo de ensino-aprendizagem. Portanto, o ensino e aprendizagem devem estar apoiados em diferentes modos de representação do conhecimento e suas potencialidades para desenvolvimento da prática educativa, para além do verbal.

Nesse contexto, “[...] já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, em movimento, som) que o cercam, ou intercalam ou impregnam.” (ROJO, 2013, p. 20-21). Cada vez mais, observa-se a combinação de material visual com a escrita; vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual. Há novas formas de interação entre o leitor e o texto, resultantes da estreita relação entre o discurso e as inovações tecnológicas (DIONÍSIO, 2011).

Além disso, devemos ressaltar o que entendemos por leitura neste trabalho. Ler um texto não significa apenas decodificar o que está posto nele, mas, compreender que nenhuma leitura/produção de textos é neutra. Quem lê ou produz um texto, o faz dentro de seu contexto sócio-histórico, no qual suas visões de mundo são construídas e reconstruídas, o que chamamos de letramento. Sendo assim, o letramento é visto como uma prática social, imbuída de ideologias, na qual o leitor e o autor constroem sentido para os textos e relacionam-se com ele a partir das visões de mundo que foram sócio-histórico e culturalmente construídas (STREET, 2006).

Uma vez que as práticas de leitura e escrita no mundo atual estão cada vez mais multimodais, principalmente devido o uso das tecnologias, é necessário, também, preparar os alunos para atuar, lendo e produzindo textos multimodais. O uso da tecnologia fez, como dissemos anteriormente, surgir novos gêneros textuais. Portanto, tornam-se necessárias novas formas de ler e escrever, ou seja, uma nova forma de letramento – o multiletramento.

Podemos compreender o multiletramento como a capacidade de construir sentidos, a partir de textos multimodais produzidos em diversos tipos de mídias (THE NEW LONDON GROUP, 2000 [1996]), bem como, de ser capaz de criar seus próprios textos. Logo, o trabalho com multimodalidade e multiletramento em sala de aula mostra-se relevante considerando que,

Em uma sociedade globalizada cada vez mais marcada pela quebra de fronteiras físicas e/ou digitais, e pela complexidade de modalidades e canais em que a comunicação acontece diariamente, fica mais e mais evidente a importância de desenvolvermos ações no contexto escolar, no sentido de empoderar e capacitar nossas(os) alunas(os) a agirem de forma competente nesse contexto. (BEZERRA, 2016, p. 195)

Sendo assim, trabalhar a multimodalidade e o multiletramento na sala de aula de língua inglesa significa incluir nas aulas práticas de letramento que ultrapassem os limites do texto escrito, apenas, e que englobem as diversas modalidades de textos que encontramos em nosso dia a dia, seja na universidade, no trabalho ou em casa. É trazer para a sala de aula textos que os alunos já conhecem e com os quais lidam no cotidiano, através das mídias digitais, levando-os a refletir criticamente acerca desses textos, de seus usos, de seus sentidos e dos diversos contextos sócio-históricos e culturais nos quais eles são/foram produzidos.

Na aula de LE, especificamente, a multimodalidade e o multiletramento também servirão para que os alunos compreendam aspectos culturais de países nos quais a língua-alvo é utilizada, bem como poderão proporcionar aos alunos, através do conhecimento do outro, o conhecimento da própria cultura, ampliando suas visões de mundo.

## **2. Considerações metodológicas**

O presente trabalho toma como base o relato de experiência de duas professoras quanto à utilização de tecnologias móveis, aqui, em específico, do aplicativo *WhatsApp*, em salas de aula de Língua Inglesa do curso de Letras/Inglês da UFPB. Para esta pesquisa, no entanto, foi feito um recorte para descrição e análise especificamente de uma das atividades propostas – *My Room Project* –, aplicada durante o segundo semestre de 2016.

A atividade foi aplicada integrando os espaços de aprendizagem físico e virtual, a partir da utilização do grupo de *WhatsApp* da turma, criado, inicialmente, para fins comunicativos e, posteriormente, após concordância dos alunos, usado também como uma ferramenta pedagógica. Para garantir o funcionamento produtivo e saudável do grupo, de início, foi necessário estipular algumas regras, conforme podemos observar na figura abaixo.

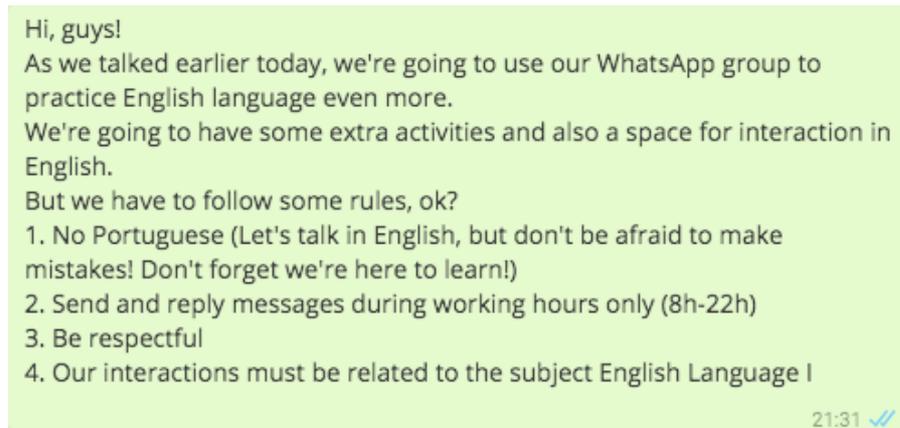


Figura 1 – Regras para o uso do grupo de WhatsApp.  
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Tais regras foram construídas de forma colaborativa entre professoras-alunos, e incluíram: restrição da utilização do grupo para questões relacionadas à disciplina Língua Inglesa I e realização de atividades propostas; uso da língua inglesa para mediar toda e qualquer postagem; caráter optativo das atividades propostas via aplicativo; respeito ao horário de silêncio (22h às 8h); e manutenção da ordem e respeito no grupo, sendo assim, não seria permitido o uso de palavrões, piadas com conteúdo inapropriado, xingamentos, etc.

Além da atividade aqui relatada e analisada, várias outras atividades foram desenvolvidas pelas professoras nas turmas mencionadas, tais como: descrição de foto/figura, leitura e discussão de textos, gravação de vídeo e áudio, exercícios para prática de pronúncia, aspectos gramaticais e léxico, atividades de avaliação e conversas informais.<sup>1</sup>

### 3. Apresentação do *My Room Project*

Durante o estudo da unidade 2 do livro-base da disciplina, que aborda o vocabulário relacionado a posse de objetos pessoais, casa, móveis, atrelado ao uso de preposições de lugar e da estrutura *there is/are*, foi proposta em sala a leitura de recorte com introdução do artigo *Stunning photos show how different young people's bedrooms look around the world* (HOELLER, 2016). O artigo aborda um projeto (*My Room Project*) do fotógrafo francês John Thackwray. Inicialmente, foi realizada uma discussão, a partir do título, sobre o propósito comunicativo do texto, e, em seguida, sobre o que seria o projeto apresentado, quem seria seu idealizador, que países teria visitado, dentre outros aspectos.

<sup>1</sup> Para conhecer um pouco mais sobre as atividades, os aspectos positivos e alguns desafios encontrados no uso do *WhatsApp* nas aulas de língua inglesa, sugerimos consultar o trabalho de Ferreira e Farias, 2017.

Após a leitura do recorte do artigo, verificação do vocabulário e discussão sobre de que formas os quartos seriam semelhantes e em que aspectos seriam diferentes, bem como sobre como os alunos caracterizariam o quarto de um jovem brasileiro, foram selecionadas algumas fotos do projeto e distribuídas entre os alunos, que deveriam, em grupos, analisar a foto recebida, descrever o quarto e tentar associá-lo a um dos perfis (com nacionalidade, idade, ocupação...) de pessoas que participaram do projeto, tendo seu quarto fotografado, que haviam sido apresentados em slide. Posteriormente, as fotos foram projetadas e os alunos foram descrevendo o que havia nos quartos, o que havia chamado atenção e tentando relacionar aos perfis.

Após essa etapa, foi discutido o que havia em comum nas fotos (o ângulos eram os mesmos? O que o fotógrafo queria mostrar? Você teria tirado a foto da mesma forma? Por quê? O que as fotos tinham em comum? O que era diferente?), com o intuito de fazer os alunos refletirem sobre o texto, sobre as escolhas do fotógrafo e o que elas objetivavam comunicar, bem como sobre aspectos que eram compartilhados por todos os quartos (local para dormir, local para guardar itens pessoais, como roupas, livros) e pontos em que eles social e culturalmente diferiam (o tipo de cama, a presença de objetos específicos que remetem a determinadas culturas, etc.).

Para a aula seguinte, pediu-se que os alunos enviassem fotos via *Whatsapp* de uma parte ou “cantinho” preferido de seus quartos. A professora salvou as fotos enviadas via mensagens privadas, para que os demais alunos não soubessem quem tinha enviado as fotos, e criou o “*My room project*” da turma. Na aula seguinte, os alunos analisaram as fotos projetadas, tentando associar aos colegas, identificando a quem pertencia aquele quarto e refletindo, por fim, sobre as escolhas feitas pelo/a aluno/a fotógrafo/a, bem como sobre pontos em comum entre os quartos das fotos enviadas. Por fim, eles observaram semelhanças e diferenças entre os quartos do artigo lido e os do contexto da turma.

### **3.1 Explorando novas práticas de leitura e escrita através da tecnologia: *My Room Project***

A partir da atividade aplicada, foi possível verificar a utilização do *WhatsApp* como extensão da sala de aula. A criação de um grupo no aplicativo mencionado torna possível a extensão da sala de aula física, a partir do desenvolvimento de interação e da proposição de atividades que envolvem práticas de produção e de leitura para além dos limites do texto verbal (FERREIRA; FARIAS, 2017).

Dessa forma, o uso do *WhatsApp* proporciona um outro espaço, com múltiplas oportunidades de produção e leitura de textos para além do verbal, como uma continuidade do que é desenvolvido na sala de aula física. Estimulados pela leitura do artigo, produção e análise da fotos, os alunos puderam não apenas dialogar de forma autêntica sobre o tema, interpretar os textos propostos, mas produzir seus textos e fazer escolhas, numa perspectiva multimodal, compreendendo a linguagem, portanto, a partir de diferentes semioses

Observa-se, assim, o desenvolvimento da competência dos alunos na língua inglesa, englobando, por um lado, a competência linguística e, por outro, a competência intercultural. Aquela, no que diz respeito ao uso real, autêntico de estruturas e vocabulário específico, e esta, quanto à reflexão e à conscientização sobre as diferenças culturais, proporcionando aos alunos a oportunidade de conhecer melhor e respeitar uns aos outros, bem como conhecer e respeitar os diversos pontos de vista e culturas presentes no texto lido.

As atividades propostas criaram um contexto real para uso da língua a partir de diferentes gêneros – artigo, fotografias, *chat* no aplicativo – explorando sua natureza social, cultural, bem como as realidades e contexto local dos alunos, que se engajaram nas práticas de leitura e de produção a partir da ampliação das diferentes formas de construção do sentido. Percebe-se, ainda, a criação de atmosfera colaborativa e de identificação entre os alunos, que passam a conhecer mais de si e do(s) outro(s) (Cf. FERREIRA; FARIAS, 2017).

Com a leitura do artigo e análise das fotos, os alunos puderam conhecer um pouco sobre diferentes culturas e formas de vivenciar, conceber e organizar os quartos e a realidade. Uma das fotos selecionadas, por exemplo, retratava o quarto de um estudante de cinema de Dallas, EUA, de 22 anos de idade, em que pudemos observar a presença de várias armas espalhadas pelo seu quarto (Figura 2). Os alunos ficaram bastante impressionados e houve uma breve discussão sobre a legalização do porte de armas em alguns estados e países. Alguns quartos chamaram atenção pela simplicidade, contendo apenas um tapete, em vez da cama, e outros foram destacados como bastante semelhantes aos quartos dos alunos, como o caso do quarto da estudante de arquitetura, Maya, da Alemanha (Figura 3).



Figura 2: Quarto de Ben

Fonte: <http://www.thisisinsider.com/photos-of-bedrooms-in-different-countries-2016-10>



Figura 3: Quarto de Maya

Em nível micro, a partir do compartilhamento de fotos de seus quartos ou de objetos que representam valor especial para si, os alunos puderam conhecer mais de seus colegas e compreender melhor suas realidades como parte de um contexto maior, múltiplo, diverso, plural. Foi interessante observar a identificação dos alunos com itens que apareciam nas fotos compartilhadas, como livros, brinquedos que remetiam a personagens de filmes como *Star Wars*, bem como em relação à perspectiva que o aluno/a fotógrafo quis compartilhar. Alguns optaram por trabalhar a imagem (usando filtros, ou usando preto e branco), ou por fazer uma foto panorâmica, enquanto que outros focaram um objeto ou itens específicos do quarto (a escrivaninha, ou prateleiras com livros).

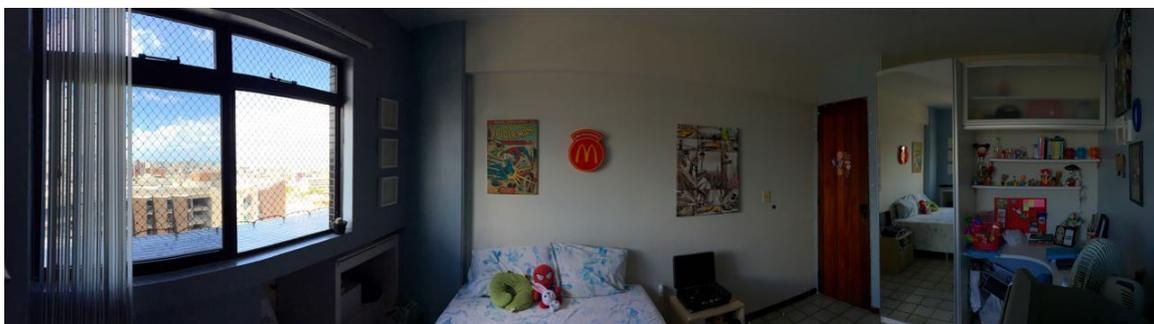


Figura 4: Quarto 1

Fonte: Foto compartilhada via WhatsApp



Figura 5: Quarto 2

Fonte: Foto compartilhada via WhatsApp



Figura 6: Quarto 3

Fonte: Foto compartilhada via WhatsApp

Por outro lado, como aspecto negativo, é preciso mencionar que nem todos os alunos se sentiram motivados para se engajar nas atividades propostas pelo *WhatsApp*. Uma aluna, por exemplo, deixou expressamente claro no momento da conversa inicial sobre o uso pedagógico do grupo, que participaria apenas dos espaços formalmente destinados para a disciplina (sala de aula e plataforma Sigaa). Além dela, que não participava do grupo, outros alunos, embora inseridos e participativos em outros momentos *online*, também não participaram do projeto aqui descrito. Percebeu-se, então, certa resistência e/ou inibição por parte de alguns alunos em "expor" sua realidade (alguns alunos não enviaram fotos de seus quartos).

### **Considerações Finais**

Consideramos que o uso do *WhatsApp* para realização de atividades como a analisada neste trabalho, na medida em que propicia a criação de uma comunidade de aprendizagem que não se restringe à sala de aula física, também possibilita aos alunos novas práticas de leitura e escrita, bem como desenvolvimento de suas competências linguística, social e intercultural.

Os alunos, já usuários do aplicativo e bastante familiarizados com ele em seu cotidiano, puderam usá-lo com um novo objetivo, o de aprender sobre si e sobre os outros e, ao mesmo tempo, utilizar a língua estrangeira que estão estudando de maneira autêntica, contextualizada e relevante. Eles puderam produzir seus textos e analisar, tanto os seus textos, como os dos demais colegas e, ainda, o artigo que falava sobre o projeto e algumas fotos que fazem parte do projeto, de maneira crítica, levando em consideração informações verbais e não verbais presentes nos textos e, ainda, o contexto sociocultural e histórico em que foram produzidos.

Por fim, embora ainda tenha sido verificada resistência quanto ao uso do aplicativo como ferramenta de ensino-aprendizagem, observa-se que a maioria dos alunos participou e interagiu na língua-alvo de maneira espontânea, criativa e natural nas atividades que foram desenvolvidas via aplicativo durante o semestre, inclusive na atividade aqui relatada e analisada.

Desse modo, conclui-se que o *WhatsApp* pode ser usado como uma ferramenta de ensino-aprendizagem que proporciona aos alunos a habilidade de ler e produzir textos multimodais e, ao professor, incluir o multiletramento em sala de aula, capacitando os alunos para atuarem no mundo globalizado e digitalizado em que vivemos não apenas em sua língua materna, mas também na língua estrangeira.

## Referências

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2013.

BEZERRA, F. A. S. A análise crítica do discurso e os multiletramentos: o papel da linguagem no fazer docente contemporâneo. In: NÓBREGA, C. V. de A. R.; ARCOVERDE, R. D. de L.; BRANCO, S. de O.; FARIAS, W. S. de (orgs.) **Educação linguística e literária: discursos, políticas e práticas**. Campina Grande: UFCG, 2016. pp. 185- 204.

DIONISIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KAWORSKI, A M, et al. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. pp. 131-143.

FERREIRA, B. C.; FARIAS, J. M. S de. WhatsApp e ensino-aprendizagem de LE: Experiências, perspectivas e desafios. In: **Anais do X Congresso Internacional da ABRALIN**. UFF, 2017. (no prelo)

HOELLER, S. Stunning photos show how different young people's bedrooms look around the world. Disponível em: <http://www.thisisinsider.com/photos-of-bedrooms-in-different-countries-2016-10>. Acesso em maio de 2017.

HUANG, C. S. J., YANG, S. J. H., CHIANG, T. H. C., & SU, A. Y. S. Effects of Situated Mobile Learning Approach on Learning Motivation and Performance of EFL Students. **Educational Technology & Society**, 19 (1), pp. 263–276, 2016..

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. **Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo**, USP, São Paulo, 2002.

PILAR, R-A; JORGE, A; CRISTINA, C. The Use of Current Mobile Learning Applications in EFL. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**. v. 103, pp. 1189-1196, 2013.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2017.

ROJO, R; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

SAD, S. N. Using Mobile Phone Technology in EFL Classes. **English Teaching Forum**. v. 46, n. 4, 2008. pp. 34-40.

STREET, B. Autonomous and ideological models of literacy: Approaches from New Literacy Studies. **Media Anthropology Network**. n. 17, 2006. pp. 1-15.

TALEB, Z; SOHRABI, A. Learning on the Move: The use of Mobile Technology to Support Learning for University Students. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**. v. 69, 2012. pp. 1102-1109.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (orgs.). **Multiliteracies: literacy learning and the designing of social futures**. London: Routledge, 2000 [1996]. pp. 9-36.

VAN LEEUWEN, T. Multimodality. In: SIMPSON, J. **The Routledge handbook of applied linguistics**. London: Routledge, 2011. pp. 668-682.

WHITTAKER, C., TOMLINSON, B. **Blended Learning in English Language Teaching: Course Design and Implementation**. London: British Council, 2013.